

Barry Eichengreen

Turbulência à vista

Leandro Modé | **O economista Barry Eichengreen diz que o déficit em conta**

PROFESSOR da Universidade da Califórnia (Berkeley), o economista Barry Eichengreen foi consultor do Fundo Monetário Internacional (FMI) entre 1997 e 1998. Autor de diversos livros, ele é um dos mais respeitados analistas do sistema monetário internacional. Eichengreen está pessimista quanto ao ajuste do déficit em conta corrente dos Estados Unidos. E avisa: o Brasil precisa crescer mais rapidamente para enfrentar as turbulências que – ele acredita – estão por vir.

>Foco *A queda do dólar preocupa?*

>>Barry Eichengreen Alguma queda é necessária para elevar as exportações e diminuir as importações nos EUA. Se se mantiver ordenada, é parte da solução do problema de desequilíbrio global. Mas, caso se torne desordenada – se houver pânico na venda de dólares –, o resultado pode ser bem difícil, tanto para os mercados emergentes quanto para as economias desenvolvidas.

>Foco *Com base nessas oscilações, o senhor acredita que o mundo está num momento de transição para um novo ordenamento, no qual o dólar dividirá com o euro a função de moeda de reserva?*

>>Eichengreen Realmente acredito que, no futuro, o dólar e o euro vão dividir o papel de moeda de reserva de valor. No passado, havia espaço para apenas uma moeda internacional, e essa era o dólar. Agora, os mercados financeiros são mais sofisticados e é possível fazer negócio em moedas diferentes, especialmente no caso do euro. A Europa tem uma união monetária e seus mercados financeiros são tão profundos e líquidos quanto os dos Estados Unidos.

>Foco *O ajuste do déficit em conta corrente dos EUA ocorrerá com ou sem crise?*

>>Eichengreen Se o ajuste vai ser duro ou

suave dependerá de como os EUA atacarão seu déficit fiscal. O ajuste completo, portanto, não poderá ser feito só com base na taxa de câmbio. Mas não vejo sinal de que esse ajuste esteja acontecendo, o que me faz temer uma forte queda do dólar. Esse movimento poderia elevar a inflação e forçar o Federal Reserve a subir o juro mais rapidamente e por tempo maior do que se espera.

>Foco *Quais os riscos, para os países emergentes, que esse ajuste traz?*



Eichengreen: é hora de apertar o cinto

“O juro nos EUA subirá mais rapidamente do que se espera”

>>Eichengreen Os principais riscos são redução do ritmo de crescimento das exportações e elevação dos custos de financiamento.

>Foco *Os países asiáticos são grandes compradores de títulos do Tesouro dos EUA e também de dólar. Quais os possíveis impactos de uma mudança dessa política?*

>>Eichengreen A queda do dólar se aceleraria, o que seria desconfortável pelas razões aqui já discutidas. Na minha opinião, esse é o cenário mais plausível para o futuro.

>Foco *A política fiscal do governo Bush tem responsabilidade sobre a queda do dólar?*

>>Eichengreen O déficit em conta corrente dos Estados Unidos é um sintoma de que a taxa de poupança no país é inadequada. Isso advém de duas fontes. Em primeiro lugar, uma política monetária excessivamente solta, o que encorajou as famílias a gastar, gastar e gastar. Em segundo, uma política fiscal também frouxa, o que significa despoupança do governo. O Fed está revertendo a política monetária o mais rápido que pode. Mas, infelizmente, nem o Congresso nem o Executivo dos EUA estão fazendo algo sério para atacar o problema fiscal. O modismo corrente da administração Bush, a privatização da previdência, só vai piorar o déficit.

>Foco *Qual a sua estimativa para a taxa básica de juros nos EUA no fim do ano?*

>>Eichengreen As taxas subirão mais rapidamente do que os mercados esperam hoje.

>Foco *De que forma esse aperto promovido pelo Fed impacta a economia mundial e, notadamente, os países emergentes?*

>>Eichengreen Acho que é hora de apertar o cinto de segurança.

>Foco *Como o senhor vê a posição do Brasil, comparada à da China, Índia, Chile e México?*

>>Eichengreen O Brasil não é comparável à China e à Índia, que têm custos trabalhistas muito inferiores. Por isso, ambos estão crescendo duas vezes mais rápido. A melhor comparação é com o México. Como o México, o Brasil precisa crescer mais rapidamente para manter a política e as finanças equilibradas. Para isso, precisa atacar sua rigidez estrutural. ●●